

Sudeste Asiático 2

Tet Nguyen Dan



No Vietnã, todos estão se preparando para a chegada o Ano Novo Lunar - Tet Nguyen Dan. Com o aumento das relações com o mundo ocidental, do ponto de vista da economia, eles acompanhem a calendário gregoriano, que nós seguimos; no entanto, no que concerne à cultura, os vietnamitas mantêm as tradições e as datas marcadas pelo calendário lunar. Por isso, em 28 de janeiro de 2017, estarão, novamente, em torno da passagem de um ano para o outro. Trata-se, segundo os guias, de um período em que todos param de trabalhar para festejar em família. No passado, esta pausa era de quinze dias e, hoje, embora oficialmente, por determinação governamental, deveria ser de sete dias, todos tentam esticar e ficar entre 10 e 12 dias curtindo a grande festa.

Os ambientes estão todos adornados para isso. Empresas, lojas, hotéis, templos e pagodes têm algum tipo de enfeite relativo à data tão festiva, assim como as casas estão se preparando para esperar o grande dia. Nada de pinheiros, é claro. A tradição é a de todos terem árvores frutíferas em vasos, uma espécie de laranjeira com pequenos frutos. Não consegui entender bem se são comestíveis ou não, mas suponho que sim, já que o costume visa desejar abundância alimentar para o ano vindouro. Por todo lado, há pequenos comerciantes vendendo estas árvores e gente as carregando, inclusive de motocicleta e de bicicleta.



Não é apenas no que respeita aos calendários, pois, de muitas perspectivas, vejo no Vietnã esta mescla de culturas tradicionais que se combinam com a articulação que vem sendo cada vez maior com o mundo capitalista, no plano nacional e internacional, em função das mudanças políticas, que ocorreram nas últimas três décadas neste país do Sudeste Asiático. Roupas, arquitetura, modos de cumprimentar, formas de transporte, jeitos de se comunicar por escrito e oralmente etc. – tudo remete a certa 'miscigenação' de experiências seculares com práticas, demandas e imposições contemporâneas.



Em Hanói, a capital que está no norte do país e já era a sede do governo do Vietnã do Norte antes da unificação com o Vietnã do Sul, a sinalização para o trânsito e, nas lojas mais importantes, a publicidade já aparece escrita no alfabeto e na língua deles – vietnamita – e no nosso alfabeto – o latino – na língua inglesa. O que mais achei engraçado é, na língua escrita deles, várias letras receberem mais de um acento, como os da placa ao lado, onde contraditoriamente o circunflexo combina-se com o grave.

Trata-se de uma língua que pertence ao grupo austro-asiático, denotando uma interface entre Europa e Ásia e por ser o que se considera como uma língua tonal, uma mesma letra pode receber vários acentos. Vejam na próxima foto.

Alfabeto Vietnamita

A ã Â B C Ch D Đ E Ê G Gi H I

K Kh L M N Ng Nh O Ô Ó P Ph

Qu R S T Th Tr Ú V X Y



Originalmente, os vietnamitas escreviam com caracteres chineses adaptados, já que é desta cultura que provêm, compondo uma escrita chamada *Chữ-nôm*. Depois, a partir do domínio francês, foi criado este novo alfabeto pelos franceses, para facilitar a alfabetização utilizando a linguagem oral dos colonizados e o modo de escrita do colonizador. A adoção deste alfabeto é uma das muitas facetas da mescla a que me referi, à qual eles se remetem sempre frisando o quanto tiveram que lutar para ter independência. No pouco que pude ler sobre o Vietnã, nada além do material que se oferecem aos turistas, tanto quanto nas falas de nossos guias, há referências frequentes ao longo período vivido em conflito, guerra (ou sob domínio) com a China, o Japão, a França e os Estados Unidos.

O Vietnã é um país longevo, pois existe, de modo independente, desde 979 d.C., após 1000 anos em que este território esteve sob domínio chinês. O surgimento de um novo “Estado” deveu-se à capacidade de Dinh Bo Linh, de unificar os povos que aí viviam e dar início ao que chamou de Dai Co Viet. As lutas internas ocorreram, muitas vezes, paralelamente à necessidade de enfrentar a China que sempre tentou retomar o domínio sobre o território perdido.

Em 1516, os portugueses inauguraram a presença européia nesta parte do mundo; no século XVII, os franceses os substituíram e, por meio do trabalho religioso, deram início à cristianização de parte da nação. Líderes de dinastias vietnamitas se rebelaram por décadas, mas em 1887, a França estabeleceu controle político e criou a Indochinesa União do Vietnã, Laos e Camboja, cuja sede passou a ser Hanói. Isto teve significados fortes, pois a Dinastia Nguyen que, desde 1802, mantinha o poder imperial no Vietnã, tinha como sede imperial a cidade de Hue, no centro país. Os franceses impuseram a eles uma política dita de colaboração, mas que na prática significava que se o imperador não atendesse os interesses franceses perdia apoio e era extraditado como dois ou três desta dinastia o foram durante o domínio do país europeu sobre o Vietnã.

Com a segunda Guerra Mundial, os japoneses tomaram o domínio sobre o Vietnã por alguns meses em 1945, como contraponto à França que era sua inimiga neste conflito internacional, mas com a derrota dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), em 2 de setembro deste ano, Ho Chi Minh declarou a independência do Vietnã, após a abdicação do último imperador da Dinastia Nguyen, o qual apoiava os franceses, razão pela qual foi morar em Paris onde faleceu no final dos anos de 1990. A França que voltou com ajuda estadunidense e tentar manter seu domínio sobre o país e a interferir nos conflitos internos entre o sul, com governo anti socialista e o norte com governo socialista.

Hoje, todos os relatos indicam que Ho Chi Minh, ou apenas Tio Ho, como é chamado pelos vietnamitas é considerado o grande líder político do país. Em 1911, foi para França e entrou em contato com idéias socialistas, fundando a Frente Comunista Indochinesa, voltando para seu país em 1941 e criou uma liga para independência do país, do qual se veio a se tornar presidente da parte setentrional – Vietnã do Norte –, em 1955, um ano após ter sido reconhecida a divisão do país em dois, por meio de uma convenção assinada em Genebra.

Os anos que se seguiram foram de luta entre o norte socialista e o sul capitalista, sendo que, em 1965, as forças estadunidenses aportaram e foram intensificadas as lutas internas, conformando-se um estado de guerra que perdurou até 1973, quando o cessar fogo foi assinado, em função da vitória do Vietnã do Norte, o que levou à

reunificação do país em 1975, sob o domínio socialista. Ho Chi Mihn já havia morrido em 1969, mas suas idéias parecem ter sido base de todo este processo.

Segundo Luna, nossa guia em Hanói, ele foi o responsável pelo fim da tirania francesa, japonesa e estadunidense sobre o país. Tanto tempo de lutas, após séculos e séculos de conflitos com a China, seguidos de domínio francês e intervenção japonesa acabaram sendo a razão que justifica o que me pareceu uma defesa inconteste de Ho Chi Mihn, como o único capaz de promover a independência do país. De todo modo, os movimentos dos anos de 1960 contra a Guerra do Vietnã, nos Estados Unidos, como a opinião pública internacional, extremamente sensibilizada pela divulgação da foto feita por Huynh Cong Ut, que circulou pelo mundo e ficou conhecida como “menina de napalm”, também tiveram seu papel no fim da Guerra do Vietnã. Não haveria mais como os Estados Unidos sustentarem argumentos que justificassem sua intervenção na vida política do Vietnã. O cotidiano dos vietnamitas, ainda, continuou a ser comandado por conflitos ideológicos e por guerras, pois Invadiram o Camboja, foram invadidos pelos chineses, receberam apoio militar da URSS...



Fonte da Foto: <http://www.jn.pt/mundo/interior/menina-de-napalm>

Muitas coisas mudaram entre os anos que se seguiram ao fim da Guerra com os Estados Unidos em que o domínio socialista pôde se estabelecer sem restrições maiores e contando com apoio popular, face ao alcance da independência e os dias de hoje.

O guia que nos recebeu no Aeroporto de Hanói, o primeiro vietnamita com quem tivemos contato, já no trajeto até o hotel foi dando algumas informações. O país vive um *boom* de crescimento e seguiu ele falando muita coisa que mal compreendemos,

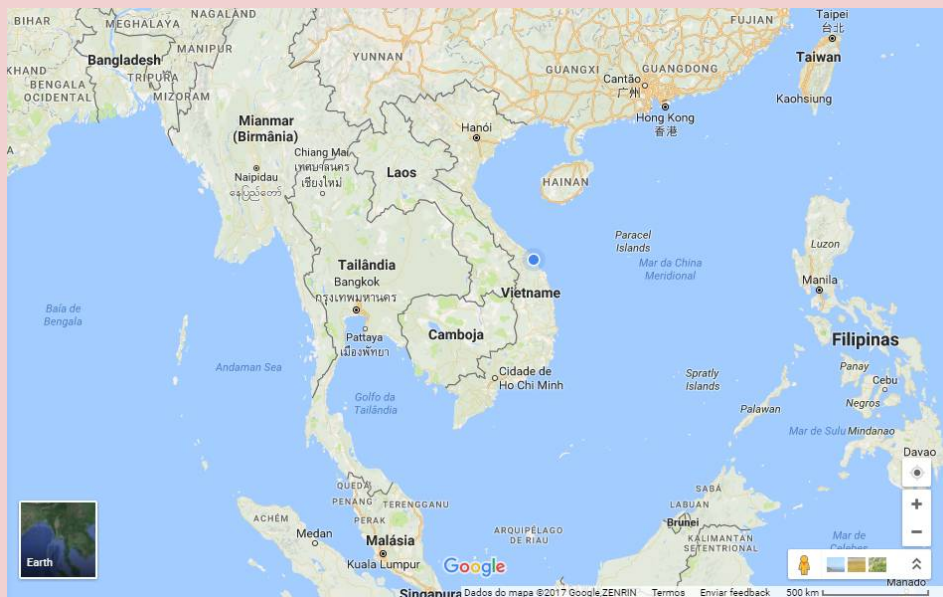
primeiro porque o seu espanhol era insuficiente para uma comunicação razoável e, em segundo lugar, porque estávamos exaustos. Pareceu que ele havia decorado um discurso básico e tenho dúvidas se ele mesmo compreendia o que estava falando. Entretanto, sua frase síntese, proferida ao final do pequeno discurso informativo, foi para mim inesquecível: “O Vietnã é um país capitalista na economia e socialista na política”.

Parece um paradoxo, mas a cada informação que recebo nestes dias que aqui estou, vejo o quão adequada é sua conceituação, embora não haja de fato um socialismo por aqui. Como foram as idéias socialistas que promoveram a independência e alcançaram a reunificação do país, é razoável ou ideologicamente bem trabalhado, entre eles, que se deve continuar a votar em um único partido que é o Comunista, o qual representa na história deles, a autonomia.

No entanto, tanto a Guerra do Vietnã que destruiu o país, como o que eles consideram como a falta de estímulo decorrente de uma economia estatal, levaram o país à pobreza total, o que justificou, em 1986, a que se iniciassem as reformas econômicas, reforçadas pelo fim da URSS e da Guerra Fria, no começo da década seguinte. Luna explicou de modo incisivo que tudo isto levou ao “progresso do país”, por meio de planos decenais. Entre 1986 e 1996, erradicação da fome; entre 1996 e 2006, período para aquisição da casa própria; entre 2006 e 2016, estímulos para aquisição de carros e motos (não dá nem para acreditar o número de pessoas que se locomovem por motos; agora, serão 10 anos mais, para continuar a melhoria da economia e eles, “vietnamitas poderem viajar pelo mundo como vocês!” disse ela olhando convictamente para nós.

Em que pese as controvérsias que podem ser levantadas sobre esta situação paradoxal – um país capitalista que tem governo socialista eleito pelo povo - a influência dos países que dominaram o Vietnã e/ou guerrearam com ele é notória na culinária, na arquitetura, na vestimenta, mas há algo que chama atenção logo é que os vietnamitas são extrovertidos. Riem, falam alto e tocam a gente, à moda latinoamericana, distinguindo-os de seus ‘colonizadores’.

De fato, não há mais socialismo, no sentido filosófico desta doutrina, ainda que o governo ainda leve este nome. Toda a saúde e toda a educação são pagas, mesmo em hospitais e escolas públicas. Não há qualquer tipo de subvenção estatal para os que estão sem trabalho ou para os idosos. O país vem recebendo unidades industriais de grandes grupos econômicos do Japão e da Coreia do Sul, tendo em vista a mão de obra ser mais barata e o país ter uma configuração e uma situação geográficas estratégicas, dada sua longa costa que facilita exportações e favorece negócios. Apesar de não ser um país de grande extensão territorial, vejamos no mapa o litoral extenso que tem.



Não é a toa, que Min, nosso guia nas cidades de Hôi An e Hue, sociólogo de formação, mais de uma vez fez referência aos interesses chineses sobre o Vietnã, face às suas reservas de petróleo e às suas condições para exportação e me saiu com esta: “As pessoas ficam na dúvida se a China é comunista ou socialista, mas eu tenho certeza que ela é mesmo expansionista”.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2017